

Eixo Temático

7 Educação Especial na Educação do Campo

Título

A educação escolar da pessoa com deficiência em comunidades remanescentes de quilombos: enfrentando desafios e adversidades

Autor(es)

Juliana Vechetti Mantovani

Instituição

Universidade Federal de São Carlos

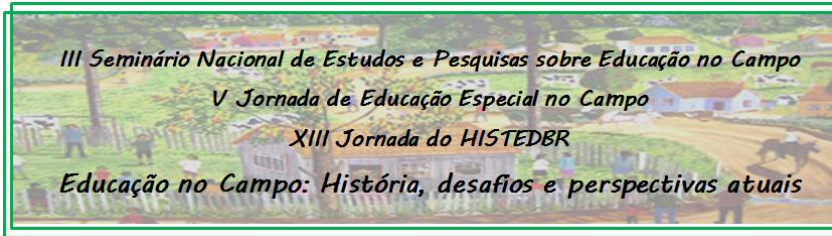
E-mail

tojulianamantovani@gmail.com

Palavras-chave

educação especial, educação escolar quilombola, alunos, professores

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



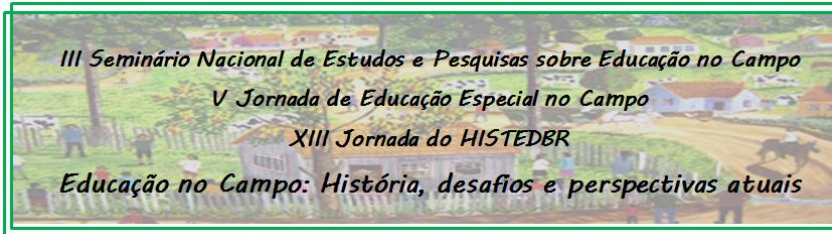
Resumo

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar os desafios enfrentados pelos professores de escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos no ensino de alunos com e sem deficiências. Busca-se com este estudo encontrar elementos para a discussão sobre a prática pedagógica com o aluno com deficiência, membro das comunidades. Foram realizadas entrevistas com uma professora de português membro da comunidade, com a diretora da escola, vice diretora e coordenadora pedagógica. Para que os alunos com e sem deficiências, das escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos se apropriem do conhecimento historicamente construído, este debate deve contemplar aspectos essenciais à educação escolar, como: financiamento, condições de trabalho docente, prática pedagógica, formação, história e cultura das comunidades remanescentes de quilombos. Para a fundamentação teórica do presente estudo foi realizada uma análise da legislação brasileira e estudado o que se refere aos direitos sociais das comunidades remanescentes de quilombos. Espera-se com este estudo deixar elementos para a discussão e problematização da educação escolar quilombola na interface com a educação especial

Introdução

A Educação Escolar Quilombola, assim como a educação escolar brasileira, apresenta diferentes desafios para serem enfrentados, contudo, também vem apontando avanços que resultam da luta dos movimentos sociais. Documentos Oficiais, como a Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, evidencia algumas destas conquistas, em especial, nos artigos 1º, 2º, 8º e 22º que trazem determinações sobre o direito do aluno quilombola com deficiência. A educação escolar oferecida aos alunos com deficiência deve contar com todo suporte legal, financeiro, material e humano necessários à permanência e apropriação dos conteúdos escolares. De acordo com os dados do censo escolar, em 2012 foram registradas 223.085 matrículas da Educação Básica em área remanescente de quilombo, em que 3.627 são de alunos com deficiências. (BRASIL, 2012). No estado de São Paulo, o Data Escola informa que até 2012 haviam 25 escolas localizadas em área remanescente de quilombo. A maior parte das escolas se concentra na Região do Vale do Ribeira de Iguape, extremo Sul do estado. São 19 escolas nesta localidade. Destas, a única que oferece Ensino

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Fundamental II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos está na cidade de Eldorado, na Comunidade André Lopes, onde foi realizado o presente estudo que teve o objetivo de analisar como vem sendo realizada a escolarização do aluno com deficiência em escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos . Uma vez que pesquisas anteriores realizadas com indicadores educacionais realizadas por Caiado e Meletti (2011) mostraram que há alunos com deficiências matriculados em escolas do campo e em escolas localizadas em áreas de quilombo.

MÉTODO

Para a realização desse estudo foram realizadas entrevistas com uma professora de português quilombola e gestores de uma escola localizada em área remanescente de quilombo, sendo e eles: direção, vice-direção e coordenadora pedagógica. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e textualizadas. Em seguida, foram analisadas onde buscou-se selecionar os excertos que eram recorrentes nas falas. A análise é o processo de organização sistemática dos dados obtidos em campo. Embora esta etapa esteja implícita em todos os momentos da pesquisa, ela é mais sistemática, intencional e dirigida neste momento. De acordo com Ezpeleta e Rockwell (1989), na reconstrução destes processos, é importante conhecer o conteúdo histórico e social da realidade estudada. As autoras ainda discutem que a análise, ou seja, o trabalho contínuo entre observação e a conceituação, permite, deste modo, a elaboração teórica. No trabalho de análise dos dados, foram seguidas basicamente duas etapas:

1º Transcrições das entrevistas.

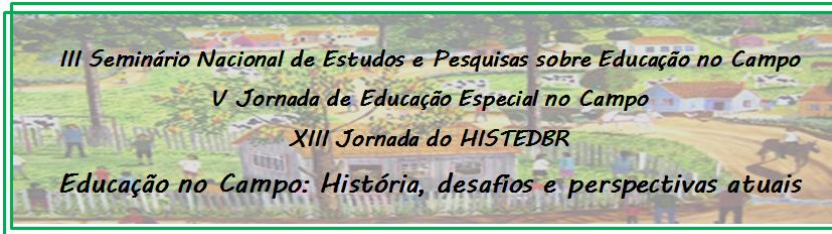
2º Estudo sistemático e repetido dos dados, onde buscou-se identificar tópicos, temas e padrões relevantes. Nesse exercício buscou-se destacar aspectos regulares e recorrentes presentes nas falas dos entrevistados.

3º Desse exercício, surgiram os eixos temáticos, que são:

- A pessoa com deficiência na escola
- De aluno a professor: enfrentando adversidades

RESULTADOS E DISCUSSÃO

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



A pessoa com deficiência na escola

De acordo com o exercício realizado, se constituiu o primeiro eixo. Na fala abaixo, a professora destaca a perseverança como elemento necessário para que os alunos com deficiências se escolarizem.

Eu vejo eles, os alunos com deficiências daqui, como pessoas esforçadas, porque chegar até uma escola aonde você não tem ferramenta nenhuma para trabalhar aquele tipo de deficiência, e continuar é porque acreditam que podem aprender. (Professora de Português, Quilombola)

A seguir, a Diretora destaca a ausência de um transporte adaptado. Logo, fala das faltas da aluna surda. Contudo, é preciso destacar que muitos aspectos podem levar as faltas consecutivas, um deles são as chuvas nesta região, que dependendo da comunidade em que se reside, as dificuldades como cheia do rio ou estradas de terra inundadas, sem condições de circulação devem ser previstas no calendário escolar. Os aspectos da linguagem e pedagógicos precisam estar na pauta desta discussão. É contraditório estar na escola e neste espaço ter a comunicação restrita.

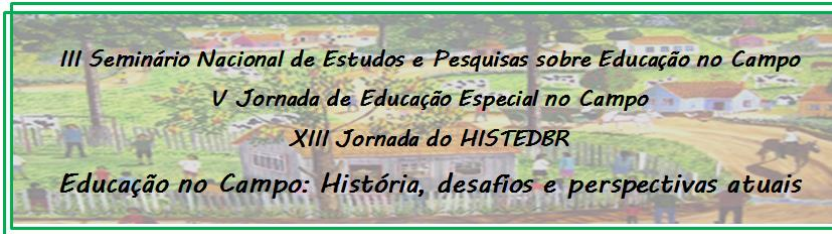
Os desafios enfrentados por estes alunos especiais são muitos, a começar pela condução. (Direção escolar)

A aluna surda daqui é faltosa! Ela é uma aluna caprichosa, tem a letra bonita. Tem vontade de aprender, mas por conta do problema, as vezes parece que ela não consegue dominar certos conteúdos, às vezes acho que é por isso que ela falta. (Direção escolar)

A ausência do trabalho pedagógico da educação especial leva a desistência dos escolares. A aluna surda enfrenta diferentes dificuldades de e quando nela está não encontra condições para sua permanência e nem para seu sucesso escolar.

De aluno a professor: enfrentando adversidades

Este eixo surge a partir da recorrente fala se referindo as dificuldades enfrentadas para se escolarizar. A professora de português da escola é membro de uma das comunidades e traz os desafios que ele vivenciou para chegar até a escola e concluir os estudos. No depoimento abaixo se encontra elementos que denotam descaso público



para com as comunidades. As escolas deveriam estar dentro das comunidades e não distantes a ponto de expor crianças e adolescentes às condições descritas.

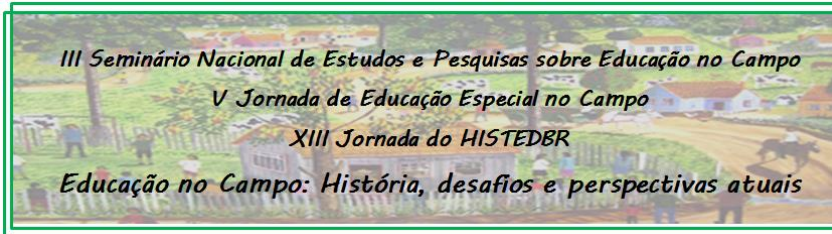
Eu acordava quatro horas da manhã, a gente tomava um cafezinho rápido e seguia para atravessar o rio com a canoa, porque nem barco tinha na época. Atravessava o rio para esperar o ônibus cinco e meio da madrugada na pista. A gente tinha que atravessar o rio no escuro e andar uma distância de uns vinte minutos a pé. Sem falar nas outras pessoas que moram sertão adentro, ou seja, mato adentro, que saíam de casa 3 horas da madrugada e atravessavam o ribeirão pisando na água fria. Aliás, isso para aqueles que eram muito perseverantes, que tinham vontade de estudar. (Professora de Português, Quilombola)

Além das dificuldades de transporte e condução fortemente presentes e destacadas, também há problemas em escolas que se constituem em uma perspectiva urbanocêntrica e recebem alunos do campo. A fala a seguir traz esta situação.

Quando eu estudava na escola da cidade porque não tinha esta aqui, morava na comunidade, em casa de pau a pique e a maioria das famílias tinha muitos filhos como têm até hoje. Então, não ter cobertor para todo mundo e não ter roupa acabava sendo uma situação comum. Aí, a gente acendia fogo, fazia uma fogueira mesmo. A gente esquentava água na panela para tomar banho. Acendia o fogo por vários motivos, para esquentar, para espantar bicho e aí, ia para a escola no outro dia cheirando fumaça. (Professora de Português, Quilombola)

O currículo escolar que desconsidera o contexto das comunidades também constitui um dificultador, pois não dá condições para o aluno, membro das comunidades relacionar o conteúdo sistematizado historicamente com a realidade vivida.

O currículo é igual é o mesmo do Estado de São Paulo . O que está sendo construído agora, por causa da Lei 10.639 da questão quilombola e étnico racial, junto com a Secretaria da Educação e com as comunidades, um material para ajudar no currículo. (Coordenadora Pedagógica)



As condições pedagógicas necessárias ao ensino nas escolas localizadas em áreas remanescentes de quilombos são atendidas mediante a pressão das próprias comunidades que lutam pela equidade das condições de ensino.

CONSIDERAÇÕES

A luta por uma escola que ensine em área remanescente de quilombo não se restringe a educação especial, é uma luta da educação escolar brasileira. Sobre a realização do trabalho pedagógico da educação especial nestes espaços são vários pontos que carecem discussão estes transitam entre os fundamentos e o método de trabalho. É preciso construir um trabalho coletivo que envolva as famílias e as lideranças das comunidades. As condições de trabalho dos professores também precisam de acompanhamento e revisão, pois se alunos ainda saem de suas casas de madrugada, significa que professores também. Existem avanços, pois há alunos com deficiências nas escolas localizadas em áreas de quilombos, todavia a realidade evidencia muitas dificuldades ainda presentes que requerem emergente debate e aprofundamento.

REFERÊNCIAS

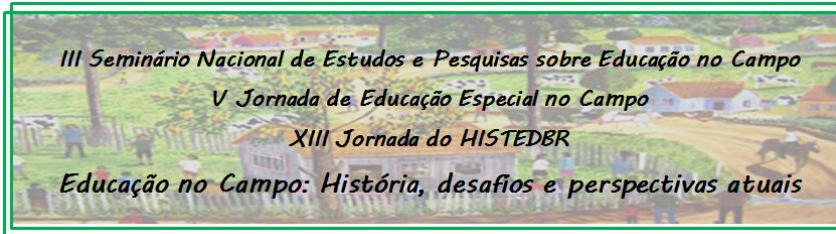
BRASIL. **Resolução CNE/CEB n° 8, de 20 de novembro de 2012.** Lex: Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Microdados da Educação Básica/Censo Escolar 2007.** Brasília: MEC/INEP, 2011.

_____. Data Escola. Disponível em: www.dataescola.com.br Acesso em: 03 mar. 2012.

CAIADO, K. R. M.; MELETTI, S. M.F. Educação especial na educação do campo: 20 anos de silêncio no GT 15. In: **Revista Brasileira de Educação Especial.** vol.17 Marília Maio/Agosto. 2011.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

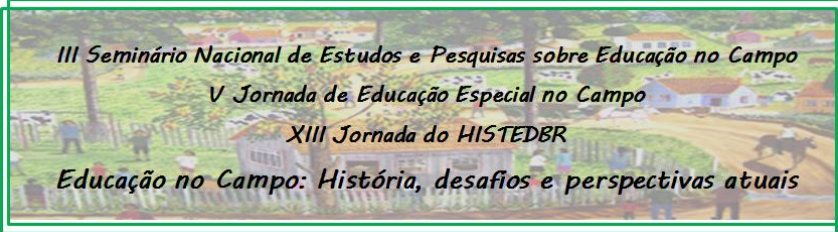


EZPELETA, J. ; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. Tradução:

Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

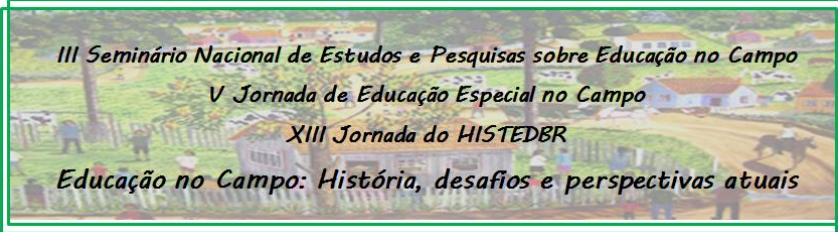
LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Orgs) **Marxismo e Educação**: debates contemporâneos. 2º Ed. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2008.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**





**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**

